

## VÁRIA

---

### Congresso Internacional de Antropologia em Paris

Como se decidiu na última sessão do Congresso de Portugal de 1930, realisou-se em Paris em Setembro findo a quinta assembleia geral do Instituto Internacional de Antropologia, que foi também a continuação do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica iniciado em Coimbra e Pôrto no ano anterior.

A sessão de abertura efectuou-se no dia 20 de Setembro na *Cité des Informations* da Exposição Colonial Internacional de Paris. Presidiu o sr. Paul Doumer, presidente da República Francesa, que era ladeado pelo marechal Lyautey e srs. Petsche, sub-secretário das Belas Artes, Marin, presidente da I. I. A., Verneau, conde Bégouen e outras individualidades.

Na véspera realisara-se na Escola de Antropologia uma sessão preparatória do Conselho de Direcção do I. I. A.

Na sessão inaugural, usaram da palavra o sr. Louis Marin, os delegados da Argélia, da Alemanha, da Argentina, da Bélgica, de Cuba, da Espanha, dos Estados Unidos, da Grécia, da Holanda, da Itália, da Jugoslávia, da Polónia, de Portugal, da Roménia, da Suíça e da Tchecoslováquia, os representantes dalgumas corporações científicas, entre as quais a Sociedade de Geografia, o conde Bégouen, e, por fim, o sr. Petsche, em nome do Governo Francês.

Trocaram-se saudações cordiais e pôs-se em relêvo o interesse da Exposição Colonial. O delegado do nosso país pronunciou em francês a seguinte alocução:

«Tenho a honra de trazer ao Congresso as saudações e os votos mais cordeais do Governo Português, da Faculdade de Ciências do Pôrto e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Os portugueses não esqueceram a demonstração duma simpatia particular para com o seu país, que foi dada no ano último com a escolha de Coimbra e Pôrto para sede da reunião

anterior dêstes congressos. Mas felicitam-se também por verificarem que a realização da presente sessão em Paris, durante a Exposição Colonial, lhes permite recordar perante vós, perante tôdas as nações, os esforços de Portugal desde muito para o conhecimento de terras e de raças desconhecidas, para a colonização racional de muitas dessas terras e para a civilização benéfica de muitas dessas raças.

As descobertas geográficas portuguesas dos séculos XV e XVI colocaram os nossos exploradores em presença de povos cuja existência era ignorada na Europa. Os nossos autores dessas épocas falam dos caracteres físicos e psíquicos de tais povos. Os próprios *Lusiadas*, a nossa epopeia nacional, que é também um poema cheio de sentimento universalista, fazem, por exemplo, uma descrição curiosa do primeiro contacto dos nossos navegadores, de Europeus, com os Bochimanes-Hotentotes das costas africanas meridionais.

Estamos gratos à França, a esta nação tão rica de glória espiritual, pelo acolhimento excelente que faz, nesta ocasião, aos congressistas estrangeiros. Mas somos-lhe também devedores, como portugueses, da oportunidade que nos proporcionou, com êste Congresso e com a Exposição, para a afirmação do interesse secular de Portugal pelo conhecimento da terra e das raças humanas.

Como a França em relação às suas colónias, Portugal não exclui, de modo algum, da família nacional os indígenas dos seus territórios de além-mar. Não só os considera colaboradores voluntários e úteis da prosperidade da nação, como ardentemente deseja identificá-los, sem excepções, em deveres e direitos, com os cidadãos da metrópole. Acertadamente, a Antropologia ensina que há diferenças psicológicas e sociais profundas entre as raças humanas. Mas essas diferenças não significam em raça alguma uma incapacidade definitiva e total de assimilação civilizadora e de progresso.

Estas verdades estão no espírito e no coração dos franceses, como dos portugueses, e inspiram as suas políticas coloniais. Recordando-as no princípio dêste Congresso Antropológico que se efectua na pátria gloriosa de Broca e de Boucher de Perthes, cabe acentuar o papel essencial que pertence à Antropologia no estudo das origens e das faculdades do homem e das suas raças, em todos os esforços sérios para o aperfeiçoamento moral, para a utilização económica e para a felicidade dos seres humanos».

Num intervalo da sessão houve música, cantos e dansas-malgaches. Finda a sessão, reuniu a assembleia geral do XV Con-

gresso e dos membros do I. I. A., tomando, entre outras, as seguintes resoluções que fôram votadas por aclamação:

1.<sup>a</sup>—Designação dos Professores Leite de Vasconcelos e G. Sergi como presidentes honorários, e do Prof. Pittard, como presidente efectivo do Congresso.

2.<sup>a</sup>—Fusão das assembleias gerais do I. I. A. com os Congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia Prehistórica.

Esta última questão, que fôra tratada já na reunião de Portugal em 1930, perdera muito da sua acuidade visto, entre aquela reunião e a de Paris, ter sido pelos elementos divergentes do I. I. A. fundada uma nova série de Congressos Internacionais, os Congressos de Ciências Pre- e Protohistóricas. Entretanto, em várias sessões, o Conselho do I. I. A. se ocupou da regulamentação da fusão referida e das reformas a introduzir no estatuto do I. I. A. de modo a que nenhuma nação ali tenha preponderância sobre as outras.

No dia seguinte, em 21, iniciaram-se os trabalhos das secções, na Faculdade de Medicina e, excepcionalmente, a 2.<sup>a</sup> secção (Prehistória) no Museu Permanente das Colónias Francesas na Exposição Colonial. Os trabalhos das secções prosseguiram nas manhãs seguintes, até sábado, 26.

Houve durante o Congresso visitas oficiais a vários pavilhões da Exposição, entre os quais o pavilhão português, onde aos congressistas foi oferecido um Pôrto de Honra pelo nosso Comissariado, sendo, num brinde cordial, recordado pelo sr. Marin o acolhimento do ano anterior no nosso país.

Houve também na Exposição, nas noites de 23 e de 26, respectivamente, uma *soirée* indochinesa e uma *soirée* africana, com dansas, música e teatro indígenas. Para essas festas fôram facultados bilhetes de admissão a muitos congressistas.

Em 24 realizou-se uma excursão às grutas prehistóricas e aos cemitérios gauleses do Marne, em 25 houve uma visita ao Museu de Etnografia do Trocadero, sob a direcção do Prof. Rivet, e em 26 efectuou-se uma excursão a St. Germain-en-Laye, para visita do Museu de Antiguidades Nacionais, onde os congressistas fôram recebidos pelo conservador, sr. Salomon Reinach. Em seguida a esta última visita houve um chá oferecido pelo I. I. A. no Pavilhão Henrique IV.

A segunda e última assembleia geral realizara-se em 25 na Escola de Antropologia, sob a presidência do Prof. Pittard. Nessa sessão, foi designada Varsóvia para local do próximo Congresso.

Um banquete, oferecido pelo I. I. A., reuniu os congressistas no dia 27 no restaurante Batouala, da Exposição Colonial. Foi

uma festa animadíssima, em que usaram da palavra o Presidente, Prof. Pittard, que se referiu a Portugal em termos muito efusivos, o conde de Vogüé, em nome do *Comité* da Exposição, o Professor Giovanni Marro, em nome dos congressistas estrangeiros, M.<sup>me</sup> Absolon, em nome das senhoras presentes. No banquete tomaram parte cêrca de 200 convivas.

O labor científico nas secções foi intenso e variado. Mais de 200 comunicações fôram apresentadas ao Congresso. Um grande número delas referia-se naturalmente a assuntos coloniais. A repartição em 5 secções que funcionavam simultâneamente, tornava impossível acompanhar a exposição de todos os trabalhos, mas foi possível ajuizar da importância de alguns. Certos assuntos suscitaram debates mais vivos, como, por exemplo, na secção de Prehistória, a eterna questão das «pedras-figuras», não sendo adoptados os votos que alguns sugeriram num sentido favorável à origem artificial destas. O estudo apresentado na secção de Antropologia física, sôbre o ôsso temporal, pelo Prof. Sergio Sergi mereceu o maior interêsse dos assistentes. Foi muito aplaudido, na última sessão, o *film* do Prof. Absolon, sôbre as suas escavações na estação de caçadores de mamutes de Vistonice (Morávia). Também despertou interêsse a comunicação tecnológica do engenheiro alemão F. Herig, sôbre o trabalho manual prehistórico. É impossível, nesta curta resenha, mencionar muitos outros trabalhos que fôram justamente apreciados.

Concluiremos registando apenas que no Congresso tomaram parte os portugueses srs. drs. Alberto Souto e Henrique de Miranda, tenente Afonso do Paço, Almiro do Vale, José António dos Santos e o autor destas linhas, sendo, porém, apresentadas também comunicações dos srs. drs. Luís de Pina, Barros e Cunha, Serpa Pinto, José de Pinho e D. Fernanda Matos Cunha.

Eis os títulos das comunicações portuguesas de que tivemos conhecimento:

DR. LUÍS DE PINA — A morfologia do crânio português.

IDEM — Estudo sôbre a morfologia do crânio egípcio.

DR. BARROS E CUNHA — Sôbre o crânio dum soba quioco de Saurimo (Lunda).

DR. R. DE SERPA PINTO — Sôbre o tumbiense de Angola.

IDEM — A prehistória da África portuguesa.

TENENTE AFONSO DO PAÇO — As indústrias paleolíticas e mesolíticas da provincia do Minho (Portugal).

JOSÉ DE PINHO — O grande taboleiro de xadrez na arte prehistórica portuguesa.

ALMIRO DO VALE — Vestígios prehistóricos na estação arqueológica de Nandufe.

D. FERNANDA MATOS CUNHA — A mentalidade do camponês de Barcelos.

MENDES CORRÊA — As novas escavações em Muge.

IDEM — As inscrições de Alvão, Parada e Lerilla.

MENDES CORRÊA.

### Nótulas asturienses

#### III

Ao estudar a estação de Ancora acentuamos a analogia da sua indústria com outras pertencentes ao paleolítico, tanto portuguesas como do sul de Espanha, sugerindo a possibilidade duma origem galaico-portuguesa para a cultura dita «asturiense». Não escondemos as dúvidas que ainda pairam sôbre a fixação cronológica da indústria «ancorense», cujo esclarecimento se deverá basear em ponderados estudos geológicos. No desejo de contribuir para êsse fim, continuamos a registar o movimento arqueológico sôbre o assunto e algumas observações pessoais (1).

PORTUGAL — A descoberta das estações paleolíticas dos arredores de *Elvas*, nas margens do Caia, pelo eng. agr. Lerenio Antunes, constitui uma das mais interessantes contribuições dos últimos anos para o conhecimento de Portugal pre-histórico. A revelação de «picos» tipologicamente asturienses, parece favorecer a hipótese duma origem meridional para as indústrias ancorense e asturiense. Guiados pelo descobridor foram visitadas as estações de *Comenda*, *Monte Campo*, *Alfarófia*, terraços de *Botafogo* e *Arronches* (descoberta pelo Ab. Breuil) em Setembro de 1931, pelo prof. Joaquim Fontes, P. Alphonse Luisier, P. Eugénio Jalhay, eng. Alves Costa e pelo signatário.

Aos srs. tenente Afonso do Paço, A. Viana e Tomaz Simões Viana deve-se a continuação de investigações no Minho, que alargam notavelmente a área das estações já estudadas. Pelo tenente Afonso do Paço foi comunicada à Associação dos Arqueólogos a existência dum concheiro em *Carrêço*, de cuja exploração se ocupará. Temos conhecimento duma estação de tipo paleolítico no

(1) «Trabalhos da S. P. A. E.», iv. Porto, 1928-30, pp. 5, 175 e 303.

alto Minho, onde iniciamos o estudo conjugado dos terraços fluviais e marinhos (1).

A presença do ancorense no *Pôrto*, de que já eram prenúncios os achados de quartzites em *Manhufo* e *S. Braz*, ficou assente com a exploração duma nova estação junto ao Farol da *Boa Nova* (Leixões). Esta estação tem ainda o interesse de se observar no local uma praia levantada (2), de cuja descrição nos ocuparemos ao tratar da indústria lítica recolhida, que é de tipo conhecido. Em face destes achados consideramos ancorense a estação da *Ervilha* (Castelo do Queijo), até aqui suposta do paleolítico antigo, que também fica situada numa praia elevada (3).

GALIZA — Prosseguiram as investigações dos srs. P. Eugénio Jalhay e M. F. Costas; publicando o primeiro o resultado da excavação dum concheiro em *Pasaje* (Camposancos. A Guardia), constituído por *Patella vulgata*, *Mytilus edulis* e *Trochus lineatus*.

Para M. Costas continua muito duvidosa a existência do paleolítico galaico-minhoto. O prof. Santa-Olalla considera o asturiense desta região como dando «a sensação de ser mais recente do que o cantábrico; ou talvez, mais precisamente, que o asturiense do Minho abaixa o *optimum* postglaciar, e continua até uma época muito tardia, constituindo quicá um verdadeiro neolítico (?), cronologicamente, com sobrevivências». Não é esta a opinião do P. Jalhay, que, como já notamos, considera a indústria galega e minhota mais antiga do que a cantábrica.

IRLANDA — Mr. C. Blake Whelan descreveu uma indústria irlandesa, duma praia elevada de 25 pés, comparando-a com o

(1) Cons.: H. Lautensach, *Morphologische Skizze der Küsten Portugals*. Ein Landeskundlicher Ausschnitt. Sonder. aus «Sonderbd. der Zeit. der Ges. fuer Erdkunde zu Berlin». 1928, pp. 296-346.

(2) A. Nobre, *Étude géologique sur le bassin du Douro*. Extr. des «Mémoires de la Soc. Malacologique de Belgique», XXVII. 1892. Bruxelles, 1893; A. Nobre, *Traços geológicos das praias do Pôrto*. «Boletim do Atheneu Commercial do Porto», II anno, n.º 5. Pôrto, 1892, p. 129.

(3) F. A. de Vasconcellos Pereira Cabral, *Estudo de depósitos superficiais da bacia do Douro*. Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal. Lisboa, 1881; F. de V. Pereira Cabral, *Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro*. Présence de l'homme, vestiges d'action glaciaire. «Compte-rendu de la IX<sup>e</sup> Session du Congrès Int. d'Anth. et d'Arch. préhistoriques». Lisbonne. 1880. Lisbonne. 1884, p. 155; Joaquim Fontes, *Instruments paléolithiques des environs de Porto*. «Bull. de la Soc. Portug. des Sc. Nat.», VII. Lisboa, 1915, p. 17 e «Comun. da Com. do Serviço Geológico de Portugal», XI. Lisboa, 1917, p. 1; H. Obermaier, *Fossil man in Spain*. New-Haven. 1924, p. 199; *Collections de préhistoire du Service Géologique du Portugal*. Lisboa, 1930, p. 4, etc.

«asturiense português». Para o prof. Reid Moir os picos pertencem à categoria morfológica dos «rosto-carinates» (1), não se relacionando com êles a indústria irlandesa.

ÁFRICA MERIDIONAL — O Ab. H. Breuil, numa conferência realizada no Instituto de Paleontologia Humana, concluiu que «apesar da distância, a evolução da idade da pedra no sul da África seguiu um caminho sensivelmente idêntico nas suas linhas gerais ao do norte da África, da Europa ocidental e meridional, da Ásia menor e da Índia». Considerando definitivos os princípios da classificação do paleolítico sul-africano em *old*, *middle* e *late stone age*, refere a esta última divisão alguns instrumentos de tipo campinhense ou asturiense (por convergência) da facies de *Smithfield*, que falta na Rodésia e se encontra na parte oriental da Colónia do Cabo, «indústria grosseira mais ou menos comparável à do asturiense dos Cantábricos e que se encontra numa região costeira».

BIBLIOGRAFIA — Esta publicação continua a efectuada nos *Trabalhos* (IV, pp. 178 e 305), e que, em grande parte, foi reunida no II fascículo da *Bibliografia da Pré-história Portuguesa*:

LXXXI — ARANZADI (Telesforo de), BARANDIARÁN (J. M.) y ÈGUREN (E. de) — *Exploraciones de la Caverna de Santimamiñe* (Basongo: Cortézubi). 2.<sup>a</sup> Memória. *Los niveles con cerámica y el conchero*. 114 págs., 76 figs. e 41 lám. Bilbao. 1931.

LXXXII — BOSCH GIMPERA (P.) — *Le néo-éolithique en Europe occidentale et le problème de sa chronologie*. (Revue anthropologique. XL, p. 244. Paris. 1930).

LXXXIII — BREMER (W.) — *Notes on some objects in the national collection of irish antiquities*. (Proceedings Royal Irish Academy. XXXVIII, sect. C, n.º 2. Dublin. 1928).

LXXXIV — BREUIL (H.) — *Observations sur la question de l'hiatus entre le paléolithique et le néolithique*. (L'Anthropologie, XXXI. Paris, 1921, pp. 349-354).

LXXXV — BREUIL (H.) — *Premières impressions de voyage sur la préhistoire sud-africaine*. (L'Anthropologie, XL, n.º 3. Paris, 1930, p. 209).

(1) J. Reid Moir. *Pre-paleolithic man*. Ipswich. 1919; J. Reid Moir. *Tertiary man in England*. Repr. from «Natural History», XXIV, n.º 6. New-York. 1924, pp. 636-654. Ver na bibliografia referências directas a Portugal.

LXXXVI — BURKITT (Miles C.) — *A newly-discovered transition culture in north Spain. Asturiense industry of N. Spain.* (Prehistoric Soc. of East Anglia, IV, n.º 2, 1923, p. 42).

LXXXVII — BURKITT (M. C.) — *South Africa's past in Stone and paint*, p. 6. Cambridge. 1928.

LXXXVIII — BURKITT (M. C.) — *Notes of a journey through North-west Spain and Portugal.* (Prehistoric Society of East Anglia, VI, pp. 247-248. 1931).

LXXXIX — COSTAS (Manuel Fernández) — *Notas en col do asturiense na bisbarra d'A Guardia.* Campaña de 1929. 10 págs. e 15 figs. Sep. de Nos. A Cruña. 1930.

XC — JALHAY (E.) — *Un nuevo conchero prehistórico descubierto en Galicia.* (Boletín de la Com. Prov. de Mon. de Orense, VIII, n.º 189, p. 425. Orense. 1929).

XCI — JALHAY (E.) — *Algumas notas sobre o Asturiense da Galiza.* (Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. Congr. de Barcelona. 1929, VIII, p. 191. Madrid. 1930).

XCII — LE PONTOIS (Bénard) — *Le Finistère Préhistorique.* (Publications de l'Institut International d'Anthropologie, n.º 3. Paris. 1930).

XCIII — LERENO ANTUNES — *Paleolítico de Elvas.* (O Archeologo Português, XXVII, p. 182. 1925-1926. Lisboa. 1929).

XCIV — LE ROUZIC (Z.) — *Carnac. Fouilles faites dans la région.* Hlot de Er-Yoh (Le Mulon). Vannes. 1930.

XCXV — MENDES CORRÊA (A. A.) — *Vorgeschichtliche Wanderungen durch die iberische Halbinsel.* «Forschungen und Fortschritte», 7 Jahrg. n.º 24. Berlin. 1931. p. 321.

XCXVI — MENGHIN (O.) — *Weltgeschichte der Steinzeit.* Wien. 1931. Tratado fundamental para o estudo do paleolítico.

XCXVII — OBERMAIER (Hugo) — *Die diluviale und altalluviale Steinzeit der Pyrenaeenhalbinsel nach dem Stande unseres derzeitigen Wissens.* (Sonder. aus «Spanische Forschungen der Görresgesellschaft», Erste Reihe, 3. Band. Münster in Westfalen. 1930. s. 1-20. Abb. 4).

XCXVIII — PAÇO (A. do) — *Pesos de rede e chumbeiras.* (Nos. VIII, n.º 78, p. 108. A Cruña. 1930).

XCXIX — PAÇO (A. do) — *O paleolítico do Minho.* (Comunicação ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica, Coimbra-Pôrto. 1930).

C — PÉQUART (M. et S. J.) — *La nécropole mésolithique de Tévéc. (Morbihan).* (L'Anthropologie, XXXIX, p. 373. Paris. 1929).

CI — REID MOIR (J.) and BURCHELL (J. P. T.) — *The Asturian industry of northern Ireland.* (Man. XXXI, N.º 177. London. 1931, p. 170 e N.º 239, p. 236).

CII — SANTA-OLALLA (J. M.) — *Anuario de Prehistoria Madrileña.* I. Madrid. 1930, p. 161.

CIII — SERPA PINTO (R. de) — *Nótulas asturienses.* II. (Sep. dos «Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», IV, p. 303. Pôrto. 1930).

CIV — SERPA PINTO (R. de) — *Observations sur l'asturien du Portugal.* (V Congrès International d'Archéologie, Alger. 1930).

CV — SERPA PINTO (R. de) — *Bibliografia do asturiense. Bibliografia da Prehistoria Portuguesa.* II. (Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto. 16 págs. Pôrto. 1930. Reproduzido na «Portucale», III, n.º 17, pp. 336-344. Pôrto. 1930).

CVI — SERPA PINTO (R. de) — *Sur le miolithique en Portugal.* (Congrès de l'AFAS, Nancy. 1931).

CVII — SIMÕES VIANA (T.) — *Breves considerações acerca do asturiense em Viana do Castelo.* 1929 (Inédito).

CVIII — VEGA DEL SELLA (Conde de la) — *Las cuevas de La Riera y Balmori. (Asturias).* (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Mem. n.º 38. Madrid. 1930. 116 págs. e 58 figs.).

CIX — VIANA (A.) — *Estações paleolíticas do Alto-Minho.* («Portucale», III, n.º 15, p. 189. Pôrto. 1930).

CX — WHELAN (C. B.) — *The tanged flake industry of the River Bann, County Antrim.* (The antiquaries journal, X, n.º 2, p. 134. 1930).

CXI — WHELAN (C. B.) — *The flint industry of the northern irish (25 foot) raised beach: a preliminary study of its relation to the asturian industry of Portugal.* (Journal of the Royal Anthropological Institute, LX, p. 169. Londres. 1930. V. análise detalhada: Com. Octobon. «Bulletin de la Société Préhistorique Française», XXVII, n.º 10, p. 456. Paris. 1930; e Reid Moir. «Man.» XXXI, 177. 1931.

CXII — WHELAN (C. B.) — *The asturian industry of northern Ireland.* «Man.» XXXI, N.º 238. London. 1931, p. 236.

Pôrto. Novembro de 1931.

R. DE SERPA PINTO.

### Conferências no estrangeiro

A convite da Junta de Educação Nacional, foi o prof. Mendes Corrêa, director da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto e presidente da nossa Sociedade, encarregado de fazer uma série de conferências em vários centros universitários da França, Bélgica e Alemanha.

Em 10 de Abril partiu o prof. Mendes Corrêa para França. Coube a primazia à Universidade de Toulouse, onde, na Faculdade de Letras, fêz aquele professor uma conferência sobre «As migrações pre-históricas através da Península Ibérica».

Súmulas de parte desta conferência se podem lêr no *Forschungen und Fortschritte* (ano VII, n.º 24, pág. 34), e no vol. IX, páginas 309-311, de *Le Mois*, publicação que em cada mês nos dá a síntese da actividade intelectual no mundo.

Nas Faculdades de Letras de Grenoble e Lille, e na Faculdade de Ciências de Lyon, voltou o prof. Mendes Corrêa a tratar das migrações pre-históricas. Nesta última Faculdade recebeu em 3 de Novembro as insígnias de Doutor «honoris causa».

A primeira conferência realizada em Paris, foi-o na Faculdade de Direito, e versou «O estudo do criminoso em Portugal». Na Escola de Antropologia de Paris fêz em seguida o mesmo professor uma conferência sobre as migrações pre-históricas.

Depois, por iniciativa da Sociedade de Morfologia de Paris, fêz o prof. Mendes Corrêa na sala Cauchy da Sorbonne uma conferência intitulada «A morfologia humana e a arte».

No Palácio da Justiça de Bruxelas, sob os auspícios da União Belga de Direito Penal e da Sociedade de Antropologia de Bruxelas, efectuou uma nova conferência sobre o estudo do criminoso em Portugal.

Passando à Alemanha, dirigiu-se o prof. Mendes Corrêa a Berlim, onde, a convite do eminente físico prof. Planck, insigne presidente da Sociedade Imperador Guilherme, foi hóspede da Harnackhaus, Dahlem, núcleo central daquela sociedade. Ali, numa conferência no anfiteatro Helmholtz, da Harnackhaus, ocupou-se novamente das migrações pre-históricas através da Península Ibérica. Em Munich, onde foi também muito bem acolhido, não pôde o prof. Mendes Corrêa realizar a sua conferência, por esta ter sido fixada para uma data em que elle estava já comprometido com outras conferências em Bruxelas e Paris.

A nossa Sociedade congratula-se evidentemente com o êxito desta missão do seu presidente, que em meado de Maio estava de regresso ao Pôrto.

S. J.

### I Congresso Internacional de Ciências Prehistóricas e Protohistóricas

Um grupo de especialistas de vários países, reunido em fins de Maio último, em Berne, resolveu, por proposta do prof. Breuil, inaugurar uma nova série de Congressos Internacionais, na qual se tratará da Prehistória e Protohistória e de matérias doutras disciplinas que lhes sirvam de auxílio ou de base.

A primeira reunião destes Congressos realizar-se-há em Londres em 1932, sendo o *Comité* de organização presidido por sir Charles Peers, presidente da *Society of Antiquaries* de Londres, e tendo como vice-presidente o prof. J. Myres, antigo presidente do Real Instituto Antropológico da Grã-Bretanha e Holanda.

A cota de inscrição é de uma libra esterlina. Tôdas as comunicações devem ser endereçadas à secretaria do Comité Organizador Britânico, Sociedade dos Antiquários, Burlington House, Piccadilly, London, W. 1.

Portugal está já representado nos *Comités* honorário e permanente dos novos Congressos, aos quais desejamos os melhores êxitos.

M. C.

### Lutuosa

A ciência arqueológica francesa registou em poucos meses a perda de três das suas mais eminentes individualidades: O marquês de Baye, o decano Felix Durrbach e Adriano de Mortillet. Num tão curto lapso de tempo perdeu a arqueologia três dos seus valores mais justamente reputados.

O marquês de Baye faleceu em Junho, com 78 anos de idade. Era o explorador ilustre das importantes estações e necrópoles do Marne, em França, mas fêz também investigações notáveis fora do seu país, como por exemplo no Cáucaso. Estava na Rússia quando triunfou a revolução bolchevista, tendo sido encarcerado, mas, graças à intervenção de M.<sup>me</sup> Trotsky, directora dos Museus do Estado, foi pôsto em liberdade, tendo trabalhado ainda nalguns museus russos. Regressou à sua Pátria numa longa e penosa viagem, mas de todos os incómodos e privações sofridas o seu organismo ficou ainda vitorioso. O marquês de Baye era um dos raros sobreviventes do Congresso Antropológico de 1880, de Lisboa, havendo recebido ainda uma saudação do Congresso de 1930, realizado em Coimbra e Pôrto. Conservo cartas suas, anteriores

a este último Congresso, nas quais fala com saudade e elogio da terra portuguesa.

O prof. Felix Durrbach era decano da Faculdade de Letras de Toulouse. Nasceu em 1859 e faleceu em Maio último. Membro da Escola de Atenas, foi-lhe confiada pelo Instituto de França a publicação das inscrições de Delos. Era um epigrafista e helenista insigne. Liga-me à sua memória uma gratidão comovida e íntima. Quando em Abril passado fui a Toulouse fazer uma conferência na Faculdade de Letras, já êle se encontrava de cama, para desta não sair senão para a sepultura. Sabedor das recomendações especiais e instantes que êle fizera, como o ilustre reitor Dresch e outras amáveis personalidades, para que me fôsse feito o melhor acolhimento, fui a sua casa deixar um cartão de cumprimento e agradecimento, mas, informado da minha presença, êle mandou-me chamar ao seu quarto porque quis conhecer-me pessoalmente e conversar comigo. Guardo dessa conversa afável e sugestiva — que abreviei o mais possível para o não fatigar mais do que êle se encontrava — uma recordação profunda. Os meus conhecimentos médicos permitiram-me formular o prognóstico mais sombrio, e enterneceu-me ouvir daquele sábio, cuja vida se ia apagando, as palavras mais cordeais. Dias depois, em Paris, tinha a notícia, já esperada, do seu falecimento, mas esta notícia, então ainda prematura, antecipara-se pouco tempo sobre a verdadeira.

Adriano de Mortillet, filho de Gabriel de Mortillet, era o herdeiro dum nome glorioso na ciência prehistórica e, êle mesmo, um pre-historiador ilustre. Possuía uma importante colecção, que foi vendida a Museus estrangeiros.

Á memória de tão eminentes individualidades, especialmente daquelas que tiveram mais estreitas relações com os investigadores portugueses e com o nosso país, dirijo, com a minha homenagem pessoal, a da nossa Sociedade.

\* \* \*

Em 20 de Maio último falecia em Florença o prof. Aldobrandino Mochi, catedrático de Antropologia, Etnologia e Paleontologia na Universidade daquela cidade italiana. Discípulo e sucessor de Paolo Mantegazza, manteve naquele importante centro científico as gloriosas tradições do Mestre insigne. Deixa uma vasta obra antropológica e paleontológica que lhe confere o justo título um dos postos mais distintos na Antropologia italiana.

Ainda ultimamente se ocupara da doutrina de Fischer e Giuffrida-Ruggeri de que o homem moderno apresenta modifica-

ções e caracteres devidos a um processo análogo ao que determina a morfologia especial dos animais domésticos. Mochi combatia essa tese, e, se nos podem surgir dúvidas sobre o assunto, nem porisso deve deixar de se reconhecer a amplitude da sua documentação e o critério científico que o orientava. Tem também especial interesse os seus estudos sobre os Arabes, sobre populações da Eritrea, sobre paleontologia argentina, etc.

O prof. Mochi apresentou à Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia várias comunicações sobre subdivisões e fácies do paleolítico superior em Itália, concluindo pela necessidade da revisão das concepções correntes sobre a homogeneidade desse período em Itália e sobre a sua diferença global em relação ao mesmo período da Europa ocidental. Também se ocupou largamente do campigiense italiano, não o considerando uma sobrevivência local do paleolítico nem um período neolítico primitivo, mas um neolítico em que se continham já os germens do neolítico superior e do eneolítico. De muitos outros assuntos de Antropologia e Paleontologia humana tratou em publicações várias.

Nasceu em Castel Pulci, perto de Florença, dum família nobre livornesa. Doutorou-se em Florença em 1899, e ocupou a cátedra de Mantegazza após a morte dêste (1910).

Lançou as bases do Instituto Italiano de Paleontologia Humana e, com L. Loria e E. Modigliani, do Museu de Etnografia Italiana. Coordenou as colecções do Museu Nacional de Antropologia e Etnologia, para o qual obteve uma ampla instalação no Palácio Nonfinito.

Conheci o prof. Mochi em Roma no Congresso dos Americanistas de 1926. Encontrámo-nos logo em seguida em Florença, onde, com a colaboração dos profs. Nello Puccioni e Livio Cipriani, organizara uma bela homenagem a Paolo Mantegazza. Era uma personalidade científica de grande prestígio. À Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia, de que foi presidente, e aos professores referidos, significo neste momento a nossa solidariedade no seu desgosto por tão grande perda.

M. C.